

O COMENTÁRIO ONLINE ENQUANTO ATO RESPONSIVO: uma análise bakhtiniana do ser-evento no *TikTok*¹

KENDRA SANTOS SILVEIRA

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

MÁRCIA HELENA DE MELO PEREIRA

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

CAROLINE MORENO BOTELHO PEREIRA

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

CISSA NUNES BARBOSA SILVA

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Resumo:

No século XXI, o surgimento e a expansão das mídias sociais têm gerado novos gêneros discursivos, como o comentário digital, que transforma a maneira como nos relacionamos e nos expressamos online. Por exemplo, o *TikTok*, nosso *locus* de pesquisa, tem se tornado um espaço significativo para esse tipo de interação, permitindo aos usuários de diferentes origens expor opiniões e ideias por meio de vídeos interativos. Isto posto, nossa pesquisa visa entender como a dialogia, a responsabilidade e a alteridade, se manifestam na seção de comentários do *TikTok*. Para embasar nosso estudo, recorreremos a Bakhtin ([1997] 2016), ([1979] 2011) e ([1986] 2020), que se debruça sobre os gêneros discursivos, o dialogismo e a responsabilidade do ato, respectivamente. Utilizando uma abordagem metodológica qualitativa, selecionamos um vídeo da área de ciência e educação produzido por uma cientista brasileira que utiliza o *TikTok* como meio de divulgação científica e informações verossímeis. O vídeo escolhido como *corpus* para nossa análise é intitulado “AFINAL, o que CURA ressaca? E o que PREVINE?”, publicado pela conta @flavonoidee em resposta ao usuário @vi_cio. Concluímos que, na teoria bakhtiniana, a linguagem revela sua natureza dialógica, evidenciando a intersubjetividade nas interações. No *TikTok*, os comentários refletem essa dinâmica a partir do ato na palavra e a singularidade do sujeito no existir-evento, moldando o discurso, tanto na superfície quanto em seu interior.

Palavras-chave: Atos éticos. TikTok. Gêneros discursivos digitais.

Abstract

In the 21st century, the emergence and expansion of social media has generated new discursive genres, such as digital commentary, which transforms the way we relate and express ourselves online. For example, TikTok, our research locus, has become a significant space for this type of interaction, allowing users from different backgrounds to express opinions and ideas through interactive videos. That said, our research aims to understand how dialogue, responsibility and otherness manifest themselves in the TikTok comments section. To support our study, we turned to Bakhtin ([1997] 2016), ([1979] 2011) and ([1986] 2020), who focus on discursive genres, dialogism and the responsibility of the act, respectively. Using a qualitative methodological approach, we selected a video in the area of science and education produced by a Brazilian scientist who uses TikTok as a means of scientific

¹ Este trabalho é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica intitulada “O COMENTÁRIO NO TIKTOK: uma análise bakhtiniana das relações dialógicas no ambiente digital”, realizada no período de 2022-2023, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), sob orientação da Prof^a Dr^a Márcia Helena de Melo Pereira. O trabalho também contou com o apoio financeiro da UESB.

dissemination and credible information. The chosen video as corpus for our analysis is titled “AFINAL, o que CURA ressaca? E o que PREVINE?”, published by the account @flavonoidee in response to the user @vi_cio. We conclude that, in Bakhtinian theory, language reveals its dialogical nature, highlighting intersubjectivity in interactions. On TikTok, comments reflect this dynamic based on the act in the word and the singularity of the subject in the existence-event, shaping the discourse, both on the surface and inside.

Keywords: Ethical acts. TikTok. Digital discursive genres.

1 Introdução

Com a ascensão da *Web 2.0*, em meados dos anos 2000, a interatividade social ganhou novos sentidos e caminhos, sobretudo quando o compartilhamento de mídia tornou-se possível através das redes sociais. Naturalmente, qualquer pessoa que pôde ter acesso às tecnologias contemporâneas de interação virtual precisou passar por um letramento digital que permitisse que ela se incluísse naquele meio e passasse a compreendê-lo e compô-lo. Assim, do mesmo modo, novas práticas discursivas foram se desenvolvendo, ao passo em que os sujeitos foram se construindo nesse espaço digital.

Dessarte, urge que os novos gêneros digitais sejam descritos e analisados, com ênfase às suas regularidades manifestadas em diferentes suportes midiáticos. A exemplo disso, encontramos os gêneros que se desenvolveram ou que surgiram a partir do *TikTok*, mídia social que permite o compartilhamento de conteúdo em formato de vídeo, assim como a exposição de opiniões na sessão de comentários. A plataforma também possibilitou que esses comentários, em forma de texto, pudessem ser respondidos via vídeos-resposta, gerando um grande impacto na divulgação de informações e nas conexões da rede de usuários.

Com base no pensamento do teórico russo Mikhail Bakhtin ([1997] 2016), ([1979] 2011) e ([1986] 2020) e tendo em vista os gêneros discursivos — descritos como formas relativamente estáveis de enunciados —, buscamos analisar os aspectos dialógicos, responsivos e referentes à responsabilidade e a não-isenção do sujeito frente ao seu dizer na plataforma do *TikTok*. Tendo sob foco as relações dialógicas, o posicionamento sócio-discursivo de cientistas, jornalistas e professores tem sido patente no contexto atual da pós-verdade, em que “fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal”, conforme a definição do dicionário Oxford (2016). Diante dessa realidade pungente, as mídias digitais têm sido tanto meio de disseminação de notícias contraproducentes, como porto seguro para os sujeitos que se empenham em dirimir fatos obstruídos na internet.

Nosso objetivo, então, nesta pesquisa, foi investigar o gênero digital emergente comentário de *TikTok*, convencionalmente publicado na plataforma homônima *TikTok*, tendo em vista as particularidades do recurso singular de resposta em formato de vídeo que ela oferece. Ao analisar o comentário selecionado e o vídeo produzido como resposta, buscamos verificar a produtividade do comentário para a análise proposta, bem como identificar os movimentos responsivos observáveis no conteúdo escrito e audiovisual. Além disso, a pesquisa também visou observar a relevância social do comentário selecionado, considerando seu impacto e alcance na disseminação de informações e combate à desinformação. Para tanto, elegemos para análise o vídeo “AFINAL, o que CURA ressaca? E o que PREVINE?” publicado pela farmacêutica Flavia Masson, criadora de conteúdo na conta @flavonoidee, em resposta ao usuário @vi_cio e publicado em 22 de outubro de 2021. A escolha do vídeo se deu pelo caráter desmistificador e de divulgação científica que o vídeo possui, de modo que a influenciadora pôde mobilizar seus conhecimentos e articulá-los posteriormente com os conhecimentos mobilizados por seu comentador, que, por sua vez, pôde opinar, complementar, discordar, etc.

A escolha do vídeo supracitado para a composição do corpus da nossa pesquisa realizada em 2022–2023 justifica-se pela relevância dessas publicações no contexto da desmistificação de informações contraproducentes ou falsas, bem como na luta contra a desinformação no período contemporâneo da pós-verdade. Tal período se identifica a partir do ano de 2016, no Brasil, quando se acirrou a polarização ideológica e política no contexto de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados, em abril de 2016 — evento marcado pela oposição entre os que defendiam e os que contestavam a permanência da dirigente. De acordo com pesquisa realizada em 2016 pelo Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas e Acesso à Informação da Universidade de São Paulo (GPGPP) três das cinco notícias pelo mais compartilhadas no *Facebook* eram falsas (Sanchotene, Machado da Silveira e De Lima Lavard, 2017). A partir deste evento, observa-se até o ano presente, a intensificação da circulação de notícias falsas no ambiente digital *online*.

Produções audiovisuais que compuseram nosso banco de dados, bem como o escolhido para análise neste artigo, oferecem uma abordagem embasada e científica para desvendar conceitos e realidades distorcidas, proporcionando um contraponto à disseminação de informações incorretas e enviesadas. A escolha desse vídeo também está fundamentada na intuição do pesquisador em analisar a função da resposta em formato de vídeo adotada pela @flavonoidee como uma estratégia eficaz para alcançar uma audiência mais ampla e

engajada, buscando amplificar a mensagem correta e promover um diálogo construtivo em meio ao ambiente propenso à disseminação de desinformação.

Diante disso, este artigo é dividido em seções, além da introdução: o referencial teórico no qual apresentamos nosso aporte teórico dividido em 2. *O ato na palavra e a singularidade do sujeito no existir-evento*; e 2.1 *TikTok e o comentário no ambiente digital*. Em seguida, analisamos os dados e os discutimos na seção 3 “*AFINAL, o que CURA ressaca? E o que PREVINE?*”: *contextualização e aproximações entre criador de conteúdos e comentaristas* e na subseção 3.1 *A articulação dialógica entre o eu e o tu na divulgação científica*. Por fim, na seção 4 *Conclusão*, apresentamos nossas considerações gerais sobre a pesquisa.

2 Referencial teórico: O ato na palavra e a singularidade do sujeito no existir-evento

A filosofia humana do processo, sobre a qual discorreremos a seguir, propõe a responsabilidade/responsividade situadas do sujeito, sua valoração/avaliação de seus próprios atos, como o elemento unificador de todo o seu agir. Para Bakhtin (2020 [1986]), a linguagem desenvolveu-se a serviço do pensamento participante e do ato. Segundo o filósofo, a expressão do ato a partir do interior e a expressão do existir-evento único no qual se dá o ato exigem a inteira plenitude da palavra: isto é, tanto o seu aspecto de conteúdo-sentido (a palavra-conceito), quanto o emotivo-volitivo (a entonação da palavra), na sua unidade. E em todos esses momentos, a palavra plena e única pode ser responsabilmente significativa: pode ser a verdade (*pravda*) e não somente qualquer coisa de subjetivo e fortuito.

Focando sua análise no ato inserido no *existir-evento*, quer dizer, no ato enquanto realização concreta e real do indivíduo, o filósofo russo julga que o cenário de uma Filosofia Primeira deve contemplar um indivíduo que aja por si mesmo, que assuma sua singularidade em meio às outras singularidades que à sua volta coexistem. A filosofia do ato responsável é centrada no sujeito, em sua relação ética com outros agentes, no contexto concreto da ação. Tal sujeito se localiza no âmbito de uma estrutura arquitetônica de formação e alteração constante de sua identidade, na qual os diferentes elementos que constituem sua fluida e situada identidade estão em permanente tensão, em constante articulação dialógica, em permanente negociação de formas de composição.

A singularidade, no que lhe concerne, é imperativa: não como uma regra normativa, mas como uma inevitabilidade imposta ao sujeito. Assim, para Bakhtin, agir é tomar uma decisão, é se posicionar. O dizer, a palavra, o expressar-se, todos são atos que carregam

consigo um compromisso ético. Esse ato singular é da responsabilidade de quem o executa, pois “a vida inteira na sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato complexo”. (Bakhtin, 2017, p. 44). Ele reforça, ainda, que viver a partir de si não significa viver para si e somente para si, significa ser responsabilmente participante do *existir-evento*. Ser responsável é não ser indiferente a essa existência única, a esse lugar que pode ser ocupado apenas por mim. Isocronicamente, escolher ignorar essa posição insubstituível não faz com que ela não exista; pelo contrário, a abnegação faz, também, parte das decisões únicas e individuais, quer dizer, ela abraça a existência.

Esse reconhecimento do não-álibi é a base da construção do dever. A responsabilidade que se é assumida faz com que a realidade deixe de ser uma possibilidade fortuita, mas uma realidade concreta. Segundo Sobral (2009), o sujeito não é um fantoche das relações sociais. É, na verdade, um ser não apenas responsável, mas responsivo aos outros indivíduos. Ainda que saiba sobre o outro o que este não sabe, precisa do outro para saber o que não pode saber sobre si mesmo. Dialógica e paradoxalmente, nossos atos são inteiramente únicos, mas, sem o outro, não há ‘eu’, não há ato. Impera, portanto, a alteridade entre os sujeitos, essa infinita articulação dialógica entre o ‘eu’ e o ‘tu’.

Posto isto, para o filósofo russo, o papel do ouvinte vai muito além de um mero “receptor” do discurso, já que, durante uma situação discursiva. O ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc. (Bakhtin, 2016, p. 25).

Logo, essa posição responsiva apontada por Bakhtin (2016) nos leva a compreender o diálogo como peça-chave do ato de comunicação discursiva. Isso porque há sempre uma alternância de posições entre os sujeitos que participam de um diálogo, bem como há um encontro com os diversos discursos já existentes. Então, quando adotamos a posição de ouvinte e compreendemos a fala do outro, também nos tornamos falantes e ativos na medida em que exercemos nossa função responsiva frente ao enunciado vivo. Dessa forma, entendemos que, apesar de estarmos produzindo constantemente enunciados, não os estamos criando, mas, sim, transformando algo que já existe em algo novo, visto que eles são frutos do nosso contato em sociedade com inúmeros discursos que existem/existiram (Pires, 2002).

A contraposição concreta entre *eu* e *outro* cria ou atribui um caráter de plano da determinação valorativa do mundo para mim e para o outro. Em outras palavras, o *eu* e o *outro* são, cada um, um universo de valores. O mesmo mundo, quando correlacionado comigo ou

com o outro, recebe valorações diferentes, é determinado por diferentes quadros axiológicos. Esta divisão arquitetônica do mundo em *eu* e em *todos aqueles* que para mim são outros é ativa e imperativa. Assim sendo, a arquitetura de um evento, a relação eu-outro é tanto algo dado como algo a ser realizado..

Faraco (2020) declara o sujeito moral bakhtiniano um solitário ético (a ele e só a ele cabe decidir), embora não esteja sozinho no mundo: “o princípio arquitetônico supremo do mundo real do ato é a contraposição concreta, arquitetonicamente válida, entre eu e outro”. Melhor dizendo, o outro (que não é simplesmente outra pessoa, mas uma pessoa diferente, um outro centro axiológico) baliza o meu agir responsável (Faraco, 2020, p. 155). Ele ainda acrescenta que as diferenças são arquitetonicamente ativas, no sentido de que são constitutivas dos nossos atos (inclusive de nossos enunciados) e que é justamente na contraposição de valores que os atos concretos se realizam; é no plano dessa contraposição axiológica (é no plano da alteridade, portanto) que cada um orienta seus atos (Faraco, 2009, p. 22).

O ato responsável é sempre único e irrepetível, de modo que só pode ser apreendido em seu interior e, conseqüentemente, só é possível descrevê-lo participativamente. Sendo assim, o pensamento participativo se inscreve valorativamente no ato, pois viver é tomar posição axiológica a cada momento; é se posicionar frente a valores em sua singularidade e eventicidade do ser.

É dessa forma que Bakhtin reclama em sua filosofia do Ato Responsável a alteridade e o compromisso do sujeito para com outro, na construção da unicidade singular nele próprio, conectado não só com o mundo da sua história e da sua cultura, como também conectado com todo o universo que o precede, tendo em si como única limitação a finitude, a sua finitude, melhor dizendo, o sentido infinito. Provavelmente é o viés material e social que conecta o sujeito com o mundo ao invés de um sujeito a parte do mundo, reconhecendo a sua singularidade e unicidade no ato do ser e do existir. Na seção a seguir, veremos como movimentos responsivos e responsáveis se dão na esfera de atuação humana *online* no ambiente digital *TikTok*.

2.1 TikTok e o comentário no ambiente digital

O *TikTok* é uma plataforma de mídia digital desenvolvida pela *ByteDance Ltda.*, uma empresa multinacional chinesa. Lançado internacionalmente em setembro de 2017, o *TikTok* é uma versão ocidental do aplicativo *Douyin*, que inicialmente surgiu no mercado chinês em

2016. Disponível para download em smartphones através de lojas de aplicativos como *Apple Store* e *Google Play*, o *TikTok* permite aos usuários criar vídeos curtos em uma variedade de gêneros, incluindo dança, comédia e educação. Cabe destacar que, tanto o vídeo publicado quanto a plataforma são referidos como *TikTok*. O aplicativo oferece uma experiência personalizada, apresentando conteúdo adaptado às preferências do usuário, coletadas e analisadas por meio de inteligência artificial e aprendizado de máquina. A aquisição do serviço de mídia social *Musical.ly* pela *ByteDance* em 2018 ajudou a expandir a presença do *TikTok* no mercado internacional, permitindo que ele se tornasse uma das plataformas de mídia social mais populares em todo o mundo. Nesta seção, caracterizaremos o comentário de *TikTok* como um gênero discursivo, a partir dos pilares que sustentam os gêneros do discurso propostos por Bakhtin (2011), — os quais são o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional — considerando, também, as condições de produção desse gênero.

Para Bakhtin, a atuação humana não é independente da interação, assim como o dizer não é independente da ação, ou seja, com base nesse pressuposto, os gêneros discursivos e as atividades do sujeito se constituem mutuamente. Nessa linha, o sujeito deve sempre se remeter a outro campo da atividade humana, uma vez que não se produz nada a partir do vazio e fora dos “variados campos do agir humano”. Nossos enunciados (orais ou escritos) têm, ao contrário, conteúdo temático, organização composicional e estilo próprios, correlacionados às condições específicas e às finalidades de cada esfera de atividade (Faraco, p.126, 2009).

Além disso, os enunciados se organizam em um gênero e se materializam por meio de um suporte, no qual permite que eles se fixem, seja ele físico ou digital (Marcuschi, 2008, p. 174). Diante disso, depreendemos que o *TikTok* é um suporte, e como tal, a plataforma fixa e atualiza o gênero publicação de *TikTok*. Não obstante, por estar alocado no ciberespaço, o *TikTok* é executável e sustentado pelo sistema global de redes de computadores interligados, que possuem protocolos próprios: a internet.

Sendo o gênero discursivo conceituado por Bakhtin (2011) como “tipos relativamente estáveis de enunciado”, tivemos que caracterizar o “tipo” do nosso escopo de pesquisa e verificar o que confere relativa estabilidade aos enunciados selecionados. Nesse percurso, identificamos o vídeo de *TikTok* como um gênero discursivo digital, cujos enunciados são relativamente estabilizados por apresentarem os três alicerces vitais preconizados por Bakhtin (2011), são eles o conteúdo temático, o estilo e a estrutura composicional. Como conteúdo temático, o gênero publicação de *TikTok* possibilita a abordagem de assuntos em um vídeo com até 3 minutos de duração, ou uma transmissão ao vivo por tempo indeterminado. *Trends*

(tendências), *challenges* (desafios), dublagens, imitações e coreografias são os temas principais dos conteúdos presentes no aplicativo, no entanto, é possível encontrar desde tutoriais até debates políticos complexos. Se caracteriza, portanto, por ser uma comunidade diversificada para cada interesse e identidade.

O estilo do gênero, por sua vez, é bem marcado, com um texto (verbal ou não-verbal) que acompanha um recurso semiótico. Na publicação, o estilo individual do autor é evidenciado desde a forma de edição do vídeo (com recursos visuais como filtros, efeitos, maquiagem, se é gravado com a câmera frontal ou traseira, com velocidade alterada ou não, com som original do criador ou reciclado de outra conta), até a legenda com o limite de 500 caracteres, na qual se pode incluir *hashtag*, localização. Além disso, há a restrição, ou não, do compartilhamento dos vídeos publicados pelo usuário.

Por último e não menos importante, no que concerne à estrutura composicional, temos como meio de circulação o virtual, que pode ser reconhecido como um *TikTok* pela marca d'água com a logo do aplicativo e o nome do usuário que criou/postou o vídeo, quando compartilhado com outro aplicativo que não o *TikTok*. Quando visto ou compartilhado pelo *TikTok*, ele é caracterizado pelo nome do usuário acima da legenda, e pelo título do áudio logo abaixo, tendo ao lado um disco tocando enquanto o vídeo é reproduzido. É caracterizado também pelas possibilidades interacionais localizadas ao lado direito da tela do dispositivo. Em síntese, as características esmiuçadas e expostas são o que “solidificam” a publicação de *TikTok* como um gênero discursivo digital, e o que permitiu que o analisássemos como tal.

Por sua vez, os comentários, em seu formato original, são notas ou observações explicativas, ou críticas sobre um assunto específico, geralmente escritos ou falados de maneira estruturada e analítica. Os comentários nas mídias sociais referem-se às respostas, opiniões e discussões dos usuários em postagens, artigos, vídeos ou outros tipos de conteúdo postados em sites como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *YouTube* e *TikTok*, entre outros.

Nas mídias, a exemplo do *TikTok*, os comentários permitem que os usuários se envolvam ativamente com o conteúdo e expressem suas ideias, pensamentos ou reações. É possível encontrar uma variedade de respostas a esses comentários, desde reações simples como curtir ou compartilhar uma postagem até respostas mais complexas e pertinentes que contribuem para discussões e debates. Esse ato de contribuir para uma discussão online, não apenas fornece aos indivíduos um canal para expressar suas opiniões, como também facilita a troca de ideias, o trabalho em equipe e a criação de comunidades *online* entre usuários que compartilham interesses ou pontos de vista semelhantes.

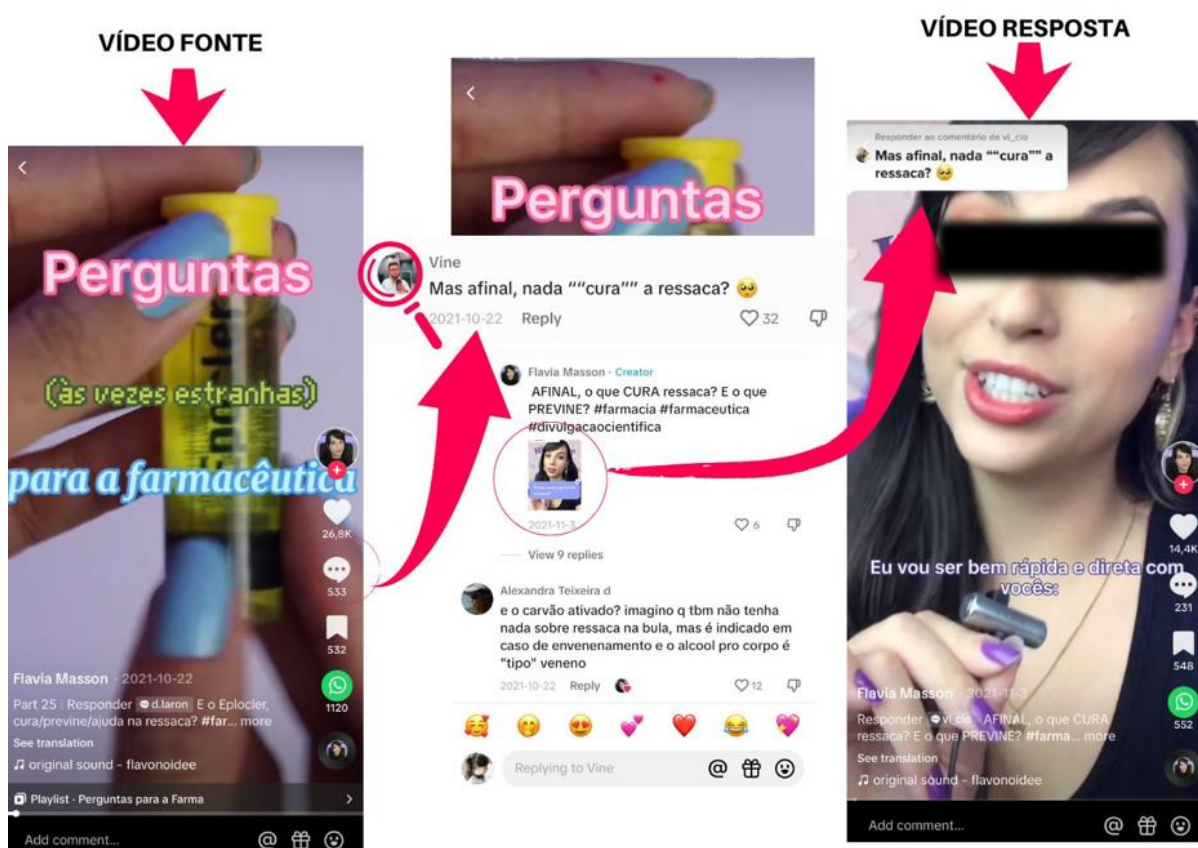
Para Santos (2018), o comentário *online* se configura como uma parte essencial de uma cadeia comunicativa, em que cada comentário é marcado textualmente pela alteridade dos sujeitos falantes, caracterizando-se por sua natureza interativa e pelo dialogismo interno. Conforme Cunha (2011), a semelhança desse gênero com um diálogo presencial confere-lhe uma intensa dialogização, uma vez que muitos dos enunciados, sendo comentários sobre comentários, dialogam entre si. Nessa dinâmica, ocorre tanto uma dialogização interna, no âmbito da cadeia de comentários, quanto uma dialogização externa, estabelecida com os discursos que integram a voz dos comentaristas.

Em nossa análise, na seção a seguir, desnudaremos um pouco como se comporta o comentário na plataforma de vídeos *TikTok*, ao verificar e descrever as relações dialógicas que constituem os comentários na plataforma.

3 “AFINAL, o que CURA ressaca? E o que PREVINE?”: contextualização e aproximações entre criador de conteúdos e comentaristas

Em nossa análise, selecionamos a conta @flavonoidee, na qual as publicações são realizadas pela farmacêutica e criadora de conteúdo Flavia Masson. Os temas dos seus vídeos têm como foco a divulgação de informações alinhadas ao nicho da ciência e da educação, através de hashtags como #farmacia, #farmaceutica e #divulgaçãocientifica. Escolhemos o vídeo “AFINAL, o que CURA ressaca? E o que PREVINE?”, em que @flavonoidee responde, por meio de um vídeo-resposta, a um comentário do usuário @vi_cio. Frente ao questionamento, a cientista viu-se na responsabilidade de desmistificar a falsa — mas muito comum — crença de que existe algum remédio que possa curar os sintomas do excesso de álcool no corpo. Abaixo temos uma ilustração da dinâmica entre publicação e comentário sob análise:

Figura 1 - Ilustração: Resposta a comentário em vídeo



Fonte: Esquema elaborado pelas autoras (2023)

A chamada “ressaca do dia seguinte” ocorre, geralmente, após 24 horas do consumo exacerbado de bebidas alcoólicas, quando os níveis de álcool caem para próximo de zero (Pombo; Marinho; Sampaio, 2019). Pode ser identificada pela presença de dores de cabeça, tonturas, fadiga, náusea *etc.* Segundo um estudo realizado entre universitários portugueses, as mais reportadas “soluções” para a ressaca costumam ser a automedicação e a ingestão de líquidos, café e laticínios (Pombo & Sampaio, 2010). A automedicação, apesar de comum e nem sempre prejudicial — se feita de maneira responsável —, foi apontada pelo SINITOX (Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas) como responsável por 32,7% das intoxicações acidentais por medicamentos, quase um terço da porcentagem de intoxicações do ano de 2016 (SINITOX, 2018).

Dentre os medicamentos utilizados para a amenização dos sintomas da ressaca, o Engov é provavelmente o mais popular. Em sua composição, encontramos o ácido acetilsalicílico, que funciona como anti-inflamatório, a cafeína e o hidróxido de alumínio, que diminuem a sensação de azia, e o maleato de mepiramina, que atua como antialérgico. Além disso, o Engov também estimula levemente o SNC (Sistema Nervoso Central) devido à presença da cafeína (BBC News Brasil, 2022). Entretanto, apesar de ser “indicado para o

alívio dos sintomas de dores de cabeça e alergias” (Engov, 2016), a bula do medicamento não conta com nenhuma informação relacionada à amenização da ressaca. Pelo contrário, aponta que “é contraindicado o uso com outras substâncias que deprimem o SNC e *com bebidas alcoólicas*.” (Engov, 2016, grifos nossos).

É nesse sentido que, em 2021, ao ser questionada sobre a eficácia do Engov na cura da ressaca, Flavia Masson informa aos seus seguidores que é um mito que o uso do medicamento antes e depois da ingestão do álcool previne o mal-estar. O mesmo vale para o Epocler, outro remédio muito utilizado com essa finalidade. O que esses medicamentos têm em comum é que, sim, eles podem mascarar os sintomas da ressaca e propiciar alívio para o usuário. No entanto, esse mascaramento pode ter consequências graves. Segundo Flavia:

[...] se o seu corpo tá suplicando pra você vomitar é porque o negócio tá muito difícil pra ele, e por algum buraco tem que sair esse álcool. [...] Então se não vai sair por cima, vai sair por baixo, no xixi. Então o seu fígado vai ter que processar esse álcool, vai passar pelo seu sistema gastrointestinal e vai causar dano às suas células.

Assim, com todos os sintomas mascarados, o indivíduo não será capaz de reconhecer os sinais de que o corpo necessita evacuar, e corre o risco de um coma alcoólico ou de sangramentos estomacais. Frente a isso, Flavia Masson apresenta, em seu vídeo-resposta, uma “Receita para prevenir ressaca”. Essa receita consiste em esforços que possibilitam que o dia seguinte ao consumo do álcool seja mais leve e seguro. Dentre eles, a farmacêutica indica a hidratação com água ou água de coco, alimentação saudável e repouso, pois a hipoglicemia alcoólica causa o cansaço.

Nos mais de duzentos comentários em seu vídeo, os interlocutores assumem suas posições de expressar concordância, ceticismo ou o interesse em complementar as informações. Isso se dá justamente porque a cena enunciativa se estrutura dialogicamente e depende dessa continuação, dos desdobramentos dos discursos, das respostas ou compreensões responsivas. Toda compreensão é, afinal, dialógica. (Volóchinov, 2017 [1929]). O desejo de desmistificar uma crença coletiva que se relaciona à área da saúde resulta na ação de Flavia, que, também fundamentada por discursos anteriores, abre o espaço para a discussão baseada em dados científicos e, não obstante, outros saberes, experiências e repertórios expostos na seção de comentários.

De acordo com a OMS, uma *infodemia* se caracterizaria por “um grande aumento no

volume de informações associadas a assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico.” Nesse cenário, quando informações falsas e nocivas se espalham como um vírus — especialmente no âmbito digital —, é preciso que a posição de divulgadores científicos, como a de Flavia, seja a mais responsável possível. Vejamos, na próxima seção, alguns pontos importantes que advém desse papel.

3.1 A articulação dialógica entre o *eu* e o *tu* na divulgação científica

Em seu quadro “Perguntas (às vezes estranhas) para a farmacêutica”, Flavia Masson tira dúvidas que seus seguidores deixam nos comentários de uma maneira descontraída e simplificada, sem a necessidade do uso constante de jargões específicos da área de pesquisa da *tiktoker*. Por serem perguntas feitas diretamente pelos usuários, os conteúdos expostos geralmente se relacionam com a realidade específica em que se inserem, o que facilita o entendimento e o interesse pelo âmbito científico. Esse trabalho de divulgação científica é concebido, segundo a linguista francesa Authier-Revuz (1998 [1982]), como uma “operação de tradução” do discurso científico em um discurso segundo equivalente, no qual ocorre a aproximação do diálogo entre a comunidade científica e a esfera pública. (Authier-Revuz *apud* Grillo; Giering; Motta-Roth, 2016).

O atual cenário da divulgação científica, esse inserido em meios digitais nos quais as informações circulam aos montes e nem sempre sob fontes confiáveis, vem exigindo que os especialistas nas áreas da pesquisa científica busquem maneiras mais efetivas de se comunicar no ciberespaço, adaptando-se aos novos mecanismos, como o hipertexto e a hipermissão (Binotto e Diniz, 2007). Frente a esse desafio, a *tiktoker* Flavia Masson assume sua posição enquanto farmacêutica e, não obstante, criadora de conteúdo na plataforma do *TikTok*, de transmitir sua experiência para os seus seguidores de uma maneira que o conhecimento seja democrático, acessível e comprometido à veracidade científica. Seu papel responsivo e responsável se aplica ao seu lugar de profissional e, sem dúvidas, ao seu lugar de sujeito no mundo-evento. Esse “bilinguismo” da criadora engloba o discurso científico e cotidiano (Authier-Revuz *apud* Grillo; Giering; Motta-Roth, 2016), e leva em consideração o conhecimento anterior dos que assistem aos seus vídeos.

A dialogia entre o criador de conteúdo e os comentadores pertencentes à cadeia dialógica no qual esse vídeo está agora inserido, é permeada pelo fato de que a compreensão

é ativa, nunca passiva. Flavia Masson, especialista em uma área do saber, não transmite esse conhecimento a um público desprovido de informações prévias e que aceitam plenamente aquilo que lhes é ensinado. Pelo contrário, a *tiktoker* está “munindo” os seus seguidores, através de palavras, de novas perspectivas e meios para desenvolver novos significados. Segundo Aleksánder Potebniá, é através da palavra que a relação pensamento-linguagem se destrinchará, e o sujeito poderá tomar consciência, o que prepara “(...) o caminho não só para o desenvolvimento do conceito, mas também para o conhecimento científico” (Potebniá, *apud* Grillo; Giering; Motta-Roth, 2016). Por isso, Grillo (2013) reforça, com base na teoria bakhtiniana, que o diálogo da divulgação científica se trata, não de um gênero ou esfera, mas de uma modalidade de “relações dialógicas da esfera científica com outras esferas da atividade humana ou da cultura”.

Nesse diálogo, Flavia Masson reclama o lugar de mediadora responsável e competente entre o conhecimento científico e o conhecimento que ela presume que o destinatário domina e não domina (Grilo, 2013). Esse destinatário, o comentar, reconhece o seu papel responsivo, e exprime a sua valoração frente às novas informações, pondo-as na balança com o seu conhecimento anterior. Decidirão como responder — pois sua resposta é inevitável — com base em sua concordância ou não. Essa alternância dialógica dos sujeitos permite que o conhecimento produza frutos, que se desenvolva, evolua. Afinal, “na explicação existe apenas uma consciência: na compreensão, duas consciências, dois sujeitos.” (Bakhtin, 2016, p. 83).

Esse conhecimento a ser divulgado reelabora, responde, complementa conhecimentos anteriores. Ele antecipa conhecimentos futuros, e isso só é possível dialogicamente: é possível porque há a contraposição entre o *eu* e o *outro*. Ao responder a pergunta “mas afinal, nada ‘cura’ a ressaca?” feita pelo usuário @vi_cio naquele espaço dialógico no qual Flavia permite que os seus seguidores exponham suas dúvidas, o conhecimento pôde se ramificar, se misturar a outras esferas e, sobretudo, encontrar-se com novas perspectivas e crenças. Como bem pontuado por Grillo (2013): “Esse contato permite não só o aumento do estado de conhecimentos do destinatário presumido, como submete os saberes científicos e tecnológicos a uma avaliação crítica viva.” Ao tomar uma posição axiológica e responsável, Flavia Masson tornou possível a desmistificação de procedimentos nocivos, beneficiando sua comunidade e, certamente, um grande público atingido pelo algoritmo de divulgação.

4 Considerações Finais

Por meio de nossa análise do vídeo “AFINAL, o que CURA ressaca? E o que PREVINE?” publicado pela farmacêutica e divulgadora científica Flavia Masson, em sua conta @flavonoidee, vídeos atrelados ao nicho de ciência e educação, examinamos o posicionamento responsivo da farmacêutica ao desmistificar crenças falsas sem embasamento científico sobre o uso indevido de analgésicos para curar a ressaca. Em síntese, o fenômeno das crenças populares que envolvem o uso de remédios para curar ressacas tem sua origem na interação coletiva e na disseminação do conteúdo ideológico por meio da comunicação (Volóchinov, 2021, p. 96). Essas crenças, desprovidas de evidências científicas, são reforçadas e difundidas, inclusive, pelas estratégias de marketing de algumas marcas.

Contudo, o caso analisado da @flavonoidee oferece uma visão concreta da interação entre o indivíduo e o coletivo, cujos sistemas de valores são distintos. Ao responder proativamente ao comentário do usuário @vi_cio, questionando a eficácia dos remédios para ressaca, Flavia Masson escolheu um caminho de responsável, utilizando a pergunta como ponto de partida para disseminar o conhecimento científico e desmistificar mitos. Essa ação não apenas beneficiou sua comunidade de seguidores, mas também ampliou o alcance por meio de *hashtags* relevantes.

É relevante notar que essa atitude de Flavia ocorreu em um momento crítico, durante a pandemia de Covid-19, quando a internet estava inundada de informações falsas, especialmente sobre saúde e medicamentos. Portanto, sua posição contra as fake news científicas mostraram-se um ato responsável axiologicamente posicionado. Ao compartilhar sua resposta ao usuário @vi_cio em formato de vídeo, a divulgadora científica conseguiu desmistificar o uso de medicamentos utilizados inadequadamente e sem prescrição médica para a melhora dos sintomas comuns vinculados à ressaca. Além disso, notamos que @flavonoidee não só desmistificou o uso dos analgésicos, mas também apresentou alternativas viáveis e seguras para evitar a sensação de mal-estar vinculada ao consumo elevado de bebidas alcoólicas.

Em suma, o caso da @flavonoidee ilustra a importância da comunicação responsável e da disseminação de conhecimento científico em um ambiente repleto de desinformação. Essa abordagem não apenas beneficia a comunidade online, mas também contribui para uma compreensão mais precisa e fundamentada das questões de saúde, promovendo uma maior conscientização sobre os perigos das crenças populares não fundamentadas.

Por fim, o formato multimodal e o caráter hipertextual tanto do suporte quanto dos vídeos de *TikTok*, contribui para tomadas de posições em ato responsivo que aproxima mais o comentador do criador de conteúdo, diminuindo barreiras.

Ao estudarmos as características do gênero em questão e ao analisar os movimentos dialógicos e de alteridade, dos atos éticos, considerando a singularidade do sujeito no existir-evento, abrimos um caminho profícuo para a seu uso em sala de aula. Esse uso, no que lhe concerne, não seria artificial, pois o uso da internet (e até mesmo especificamente do *TikTok*) é popular e cotidiana para a geração Z. Portanto, sua implementação em sala de aula é o oposto de levar um gênero digital a eles: é trazer o uso que eles já fazem de um gênero digital ao ambiente escolar, permitindo assim que produzam e estudem textos significativos e que fazem sentido em seus contextos de vida.

Referências

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Martins fontes, 2011.

BAKHTIN, M. M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016. 176 p.

BAKHTIN, M. M. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos, Sp: Pedro & João Ed, 2020. 3. reimpres.160 p.

BINOTTO, M.; DINIZ, I. *Democratizar o acesso aos conhecimentos científicos: como onde e porquê*. Buenos Aires: Revista Digital, 2007.

CUNHA, D. A. C. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web. *Revista Investigações*, v. 1, n.5, p. 116-132, 1º semestre, 2011.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Parábola Editorial, 2009.

GRANCHI, Giulia. *Ressaca: existe remédio ou cura? Entenda o que funciona*. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-60327242>. Acesso em: 06 abr. 2024.

GRILLO, S. *Divulgação Científica: linguagens, esferas e gêneros*. 2013. 333 f. Tese (Livre-docência em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GRILLO, S.; GIERING, M.; MOTTA-ROTH, D. *Perspectivas discursivas da divulgação/popularização da ciência*. São Paulo: Bakhtiniana, 2016.

GRUPO DE PESQUISA EM POLÍTICAS PÚBLICAS DE ACESSO À INFORMAÇÃO DA USP. Disponível em: <http://gpopai.usp.br/>. Acesso em: 04 maio. 2024

MALEATO DE MEPIRAMINA + HIDRÓXIDO DE ALUMÍNIO + ÁCIDO ACETILSALICÍLICO + CAFEÍNA: comprimidos. Responsável técnico Fernando Costa Oliveira. Anápolis: *Brainfarma Indústria Química e Farmacêutica S.A.*, 2016. Disponível em: https://guiadafarmaciadigital.com.br/arquivos-uploads/bula/bula_022027_1.pdf. Acesso em: 6 abr. 2024.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Organização Pan-Americana da Saúde - OPAS. Organização Mundial da Saúde - OMS. Repositório Institucional para Troca de Informações – Iris. *Fichas Informativas COVID-19: entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde; 2020. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054?locale-attribute=pt>. Acesso em: 7 abr. 2024.

PIRES, V. L. *Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin*. *Organon*, v. 16, n. 32-33, 2002.

POMBO, S.; MARINHO, A.; SAMPAIO, D. *Propriedades psicométricas da escala de sintomas de ressaca (ESR)*. [s.l.]: Psicologia, Saúde & Doenças, 2019.

Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX): *dados de intoxicação: dados nacionais*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2016.

SANTOS, E. P. *O gênero comentário online: um enfoque axiológico-dialógico do estilo*. 2018.

SANCHOTENE, C.; MACHADO DA SILVEIRA, A. C.; DE LIMA LAVARDA, S. Quando as notícias mais compartilhadas são falsas: a circulação de boatos durante a semana do impeachment no Facebook. *Comunicação & Informação*, Goiânia, Goiás, v. 20, n. 3, p. 99–112, 2017. DOI: 10.5216/ci.v20i3.46950. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/46950>. Acesso em: 5 maio. 2024.

SOBRAL, A. O conceito de ato ético de Bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito. *Revista eletrônica Bioéticos*, Centro Universitário São Camilo, n.3, 121-126, 2009.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2021.

SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

Autor 1



Kendra Santos Silveira

Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Graduada em Letras Modernas (UESB) campus de Vitória da Conquista.

Email: kendracademic@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8306342590836285>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1065-6903>

Autor 2



Márcia Helena de Melo Pereira

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Professora titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), ambos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Pesquisa temas relacionados à Linguística Textual, como: processo de construção de textos, gênese de texto, gênero textual, autoria, ensino de texto.

Email: marciahelenad@yahoo.com.br

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2504195462119737>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3663-3462>

Autor 3



Caroline Moreno Botelho Pereira

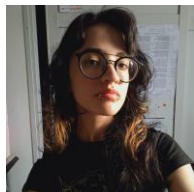
Graduanda em Letras Modernas (UESB) campus de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Voluntária de Iniciação Científica (UESB).

E-mail: carolinembotelho@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9289667690240062>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-6459-1346>

Autor 4



Cissa Nunes Barbosa Silva

Graduanda em Letras Vernáculas (UESB) campus de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Voluntária de Iniciação Científica (UESB).

E-mail: cissanunes23@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6734851108256125>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-9988-4503>